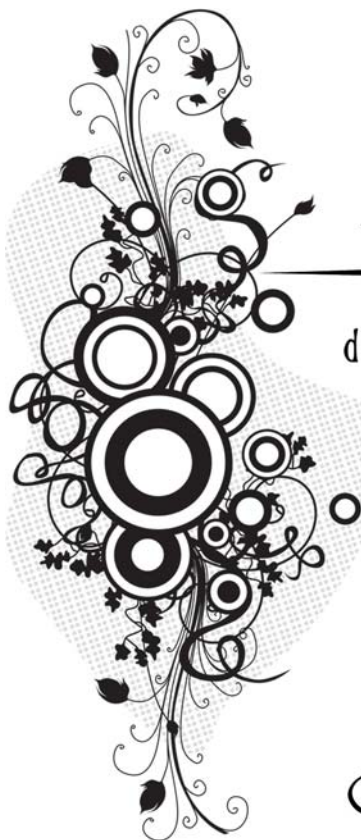


www.tarjaeditorial.com.br



FÁBULAS

do tempo e da eternidade

CRISTINA LASAITIS

www.tarjaeditorial.com.br

2^a EDIÇÃO - 2010
SÃO PAULO - BRASIL

TARJA
Editorial

Copyright © 2008 Tarja Editorial

EDITORES: Gianpaolo Celli
Richard Diegues

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora e da autora, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

REVISÃO: Camila Fernandes

PROJETO GRÁFICO: Richard Diegues

CAPA: Caroline Gariba

1ª edição em julho de 2008

DIAGRAMAÇÃO: Richard Diegues

2ª edição em abril de 2010

Impresso no Brasil

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NÃO PUBLICAÇÃO (CIF)

Fábulas do tempo e da eternidade / Cristina Lasaitis. -- São Paulo :
Tarja Editorial, 2010.
ISBN 978-85-61541-17-0
Contos: Literatura brasileira: Ficção - I. Lasaitis, Cristina.
CDD-869.9308

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Romance : Literatura brasileira : Ficção
869.9308

TARJA
Editorial

LITERATURA FANTÁSTICA
MUITO ALÉM DOS GÊNEROS

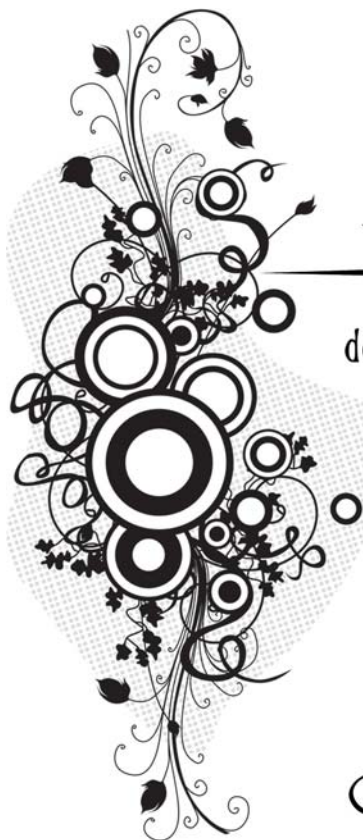
[2010]

NOSTER ANNO MIRABILIS

TARJA EDITORIAL LTDA.
Rua Piatá, 633
Santana - São Paulo
CEP 02080-010 / SP
editora@tarjaeditorial.com.br
www.tarjalivros.com.br
www.tarjaeditorial.com.br

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são não intencionais, exceto em casos de explícita transcendência temporal da narrativa, por meio de missivas aleatórias do Correio do Não-Tempo, que porventura faça uso deste meio para lhe transmitir a entrega de algo que ainda não foi escrito, mas há de ser um dia. Nesse caso, contente-se em saber que alguém, no futuro, ainda possui registros sobre você. As opiniões expressas na obra pertencem a sua autora, mas como os editores concordaram em publicá-las, reclamar com eles não adiantará. As fábulas que eventualmente foram feridas, molestadas e traumatizadas durante a produção desta obra não se queixaram, em tempo algum. Todos os relógios, ampulhetas e cronômetros feridos receberam os devidos primeiros socorros, ou, nos casos extremos, um serviço funerário decente no buraco negro mais próximo. A cola usada na lombada pode conter glúten. Sim, exercício provoca enfarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!

www.tarjaeditorial.com.br



FÁBULAS

do tempo e da eternidade

CRISTINA LASAITIS


www.tarjaeditorial.com.br

TARJA
Editorial

“Rio perpétuo e surdo, as serras esboroas,
Serras e almas, ó Tempo! e, em mudas cataratas,
As tuas horas vão mordendo, aluindo, à toa...
Todas ferem, passando: e a derradeira mata.”

Vulnerant Omnes, Ultima Necat
Olavo Bilac

O PASSAR DO TEMPO

Os Parênteses da Eternidade	XI.	160	Meia-noite	XII.	172	8 I.	Além do Invisível
Caçadores de Anjos	X.	142				20 II.	As Asas do Inca
Irmãos Siameses	IX.	118				32 III.	Nascidos das Profundezas
De Onde Viemos, Para Onde Vamos	VIII.	112				48 IV.	Revers Alquímico
Viagem Além do Absoluto	VII.	96				70 V.	Assassinando o Tempo
			88	VI.			
			A Outra Metade				

fábula

s.f.

1. Composição, geralmente em verso, em que se narra um facto cuja verdade moral se oculta sob o véu da ficção.
2. Mitologia.
3. Ficção, falsidade.
4. Assunto principal (com todo o seu desenvolvimento) de um romance, drama, poema, etc.

eternidade

s.f.

1. Qualidade daquilo que é eterno.
2. Duração, sem princípio nem fim.
3. Vida eterna, a vida futura.
4. Duração longa.

tempo

s.m.

1. Série ininterrupta e eterna de instantes.
2. Medida arbitrária da duração das coisas.
3. Época determinada.
6. Época (relativamente a certas circunstâncias da vida, ao estado das coisas, aos costumes, às opiniões).



I.

ALÉM DO INVISÍVEL

Se o mundo é cruel e feio, não precisa mais se desesperar. Faço-lhe uma proposta: aqui tem uma pílula branca, aqui tem uma pílula amarela. Se escolher tomar a pílula branca, seu usuário atual irá se desconectar permanentemente deste mundo. Não fazemos idéia de onde ela poderá levá-lo, mas saiba que jamais ninguém voltou para reclamar.

Agora, se escolher tomar a pílula amarela... Bem, estamos construindo uma realidade nova, que poderá ser melhor do que esta. Seu usuário ficará em hibernação naquele leito enquanto habita uma nova conexão. Maiores informações são confidenciais. Mas, se estiver curioso, saiba que os clientes que optaram por ela também nunca resolveram voltar...



anta Paula, 8 de maio de 2099. Décima oitava hora, a hora marcada. O lugar de sempre. Ele estava lá. Ela, não.

O relógio parou. Uma cortesia para que ela não chegasse atrasada. Maya. Sua amiga, seu amor.

Raios vermelhos, amarelos, roxos, rosas. O Sol equilibrista tremulando entre os cirros algodoados no fio do horizonte. Um pouco menos de claridade. Um pouco mais de contraste. Um pouco mais de brilho e de saturação. Desvio de matiz para o vermelho abrasando a luminosidade ambiente. Estrelas no firmamento tilintando *tlim-tlim-tlins* subliminares. Incensos ateados à brisa. Uma brisa tênue e fresca, para acariciar os cabelos dela quando seus olhos procurassem o ocaso.

Para ela. Sim, só para ela. O pôr-do-sol mais extraordinário que Marcos já houvera arquitetado desde que se conhecera por um idiota apaixonado. Satisfeito, o criador acomodou-se ao alto da criação e deixou os pés balançarem descuidadamente sobre um insano quilômetro vertical de liberdade. Seu divã de cristal e sedas vermelhas flutuando no despropósito dos ares, mil metros acima da metacidade.

Marcos e o Sol. O Sol e Marcos. Dois deuses entediados numa partida de paciência ao alto da eternidade.

E eis que o tempo se move por teimosia. Os segundos emperrados escorrem pelo visor digital e o astro torna a escorregar pela linha do horizonte.

– Maya?

Era como se o mundo estremecesse sob os seus pés. Uma onda cintilante varreu as profundezas. A metacidade despertou para a realidade do tempo, acelerando o seu pulsar, emergindo de volta à

vida. E o sangue luminoso tornou a jorrar pelas artérias caóticas, alucinógenas, estonteantes do grande totem palpitante de Santa Paula. Resplandeceram os paredões imaginários, arranhando os céus com suas torres de sonho. A metrópole fantasma refulgiu no invisível como uma película diáfana sobre o monstro da matéria bruta, cinzenta, real.

Na hora marcada.

– Tá, você venceu! Agora chega de brincar de esconde-esconde. Um sopro perfumado de brisa. Maya irrompeu do invisível.

– Eu tentei me atrasar, mas você não deixou.

– Acha que eu ia ficar esperando?

– Acha que isso me importa?

Ela rebateu. Ele sorriu. Desdém no ar.

– Minha vida é a sua vida.

– Sua vida é a minha vida.

Era uma senha, um modo peculiar de se dizer *eu te amo*.

Formalidades de lado, protocolos à parte, roupas virtuais largadas ao esquecimento. A pressa irrefreável da saudade.

Os metalábios se buscaram num beijo. Os metacorpos se entrelaçaram, deixando-se embalar na sinfonia de amor magnético, cantada em dueto no delírio das alturas. Sexo virtual com dopamina real entorpecendo os cérebros com ondas de prazer.

Saciados, os amantes descansaram. Enlaçados. Inebriados. O tilintar das estrelas. O perfume do incenso. O relaxamento narcótico. O frescor da brisa – ah, a brisa! – acariciando os cabelos de Maya enquanto seus olhos fitavam o poente. Nua e linda, sentada à beira do abismo como uma gata no telhado. Meditativa, ela vigiava a cidade.

Em flutuar por entre o sono e a vigília, Marcos sentiu alguma coisinha fria rolando ao toque da pele. Abriu os olhos. Uma tempestade de pétalas de rosas abençoava o metamundo.

– Você está no módulo de simulação? – indagou o namorado, lânguido e preguiçoso entre os travessieiros de seda vermelha.

Sim, ela estava. Maya estava conectada a um domínio secreto, ao qual apenas os administradores deveriam ter acesso. Concentrada, ela orquestrava os espectrais das pétalas em marés algorítmicas

de chuva vermelha. Era uma operação bastante complexa de programação, talvez complexa demais para uma mente humana.

Maya não respondeu. Estava concentrada demais. Distraída demais. Desligada dele. Marcos se ajeitou entre os travesseiros, sentindo-se um metabobo e contentou-se em apreciá-la contra o fundo da paisagem. Era um prazer observá-la. Era delicioso simplesmente olhar para ela. Beleza exótica. Uma composição de *quanta* num padrão irreproduzível no mundo real. Íris azuis, olhos puxados. Cabelos pretos, curtos, rebeldes. Seios pequenos, firmes. Pele dourada, oriental. Esbelta, escorregadia, sinuosa. Ela levava um dragão nas costas. Um dragão chinês, tatuado em verde-petróleo e vermelho-sangue. Escalando suas escápulas, serpenteando pela cintura, sua cauda reptiliana insinuando-se em direção aos montes meridionais do Japão. Um porre de saquê.

– Foi você que me ensinou a acessar os módulos de simulação – ele tornou a quebrar o silêncio. – Você me deu a senha de programação, mas nunca me contou como a conseguiu.

Dessa vez, o comentário foi suficientemente alto para arrancá-la da distração.

– Descobrindo. Tem a ver com caçar o IP dos administradores e grampear o biochip de comunicação eletroencefálica deles até que...

Ela não terminou a frase. Marcos a interrompeu com um apelo ansioso.

– Maya...

Ela se virou.

– Há quanto tempo nos conhecemos?

– Um ano, três meses, doze dias, cinco horas.

Marcos sorriu.

– Você é calculista demais.

– Não. Eu apenas acessei o histórico, querido. Por que você pergunta?

Marcos parecia tímido para perguntar o que queria perguntar, mas não havia mais razão para ter medo uma vez que sua vida era a vida dela e vice-versa.

– Você é uma IA, não é? Uma inteligência artificial? Você é diferente de todas as pessoas e metapessoas que conheci.

A reação dela foi uma risada cênica e muda de real surpresa. Aquilo o deixou desconcertado.

– Eu sei que não importa quem somos ou de onde viemos, ou... Maya, eu amo você seja lá o que você for. Eu só queria saber.

O riso dela se desvaneceu. Restou apenas o seu olhar azul, profundo.

– Nós somos um segredo um para o outro. Ainda. Depois de tanto tempo. Depois de tudo...

– E sempre seremos, se você desejar.

– Você tem certeza de que quer a resposta?

Marcos fez que sim. As pétalas vermelhas rolando nas ondas dos cabelos e escorrendo sobre o torso.

Ficaram longos momentos em apreciação mútua, sentados sobre os calcanhares ao modo japonês, frente a frente, nus como vieram ao metamundo. Até que alguma coisa começou a mudar. A mudar nas profundezas. Na paisagem.

No primeiro momento, o pulsar da metacidade desacelerou aos banais sessenta batimentos por minuto. O Sol desmoronou por trás do horizonte. O horário simbólico sincronizou-se com o real. No segundo momento, a chuva de pétalas se esvaiu, as estrelas silenciaram, a brisa calou e a paisagem perdeu o clima de fantasia. No terceiro momento, a película resplandecente de Santa Paula foi rompida, as torres etéreas ruíram e o espectro luminoso da metacidade desmoronou de volta à poeira quântica, até que a metarealidade ficasse reduzida a uma pilha de arquivos no servidor da MetaCities. O colapso não poupou o divã de cristal e sedas vermelhas que embalava os amantes nas alturas.

Ajoelhado sobre coisa nenhuma, Marcos não segurou o grito de desamparo perante a queda iminente. Agarrou-se à namorada. O cérebro não tolerava a ilusão de estar repentinamente suspenso nos ares.

– Calma, querido, não vamos cair – Maya segurou-o com firmeza –, a menos que você queira.

– Foi você que fez isso?

– Sim.

– Por quê?

Ele estava trêmulo, nervoso. O olhar de Maya era um oceano azul de calmante.

– Eu só acessei o modelo original da cidade. Queria mostrá-la a você.

Sentindo-se duplamente um bobo, Marcos recobrou os bríos e tomou coragem para fitar as profundezas.

Era aterrador.

A cidade etérea de Santa Paula havia sucumbido de volta à inexistência. Fimdo o sonho, sobravam as sobras, restavam os restos. A cidade real. O gigamonstro cinzento, obscuro e feio de São Paulo. Suas luzes eram tênues e mortíças, esparsas entre blocos de concreto e asfalto. A cidade era lenta. Era triste. Sem graça. Insossa. Broxante.

– É a realidade, Don Juan. Não é bonita, eu sei.

– A realidade nunca é bonita, Maya.

Marcos soltou-se dos braços dela, contrariado. Ensaiou alguns passos tortos sobre o nada, a mente lutando contra a ilusão terrível da queda. Não conseguiu ir muito longe.

– Marcos! – ela suplicou. – Não se faça de salame, amor, ou terei de cortá-lo em rodélinhas.

– Acho que você já respondeu à minha pergunta.

– Não, não respondi.

Marcos voltou a procurá-la no limiar do vazio:

– Não?

– *AnderWS*. C647FN9JM1.

– O quê?

– Meu *username*. Minha senha.

O olhar dele vitrificou. Espanto.

– Eu tenho um *username* e uma senha. Não sou uma IA.

Marcos precisou de um tempo para absorver o impacto.

– Então você é uma *hacker*. E das melhores.

Maya confirmou.

– Dê-me a sua mão – ela pediu.

Ele hesitou.

– Não estou pedindo você em casamento! Só quero mostrar...

Maya tomou a destra dele e apontou para a cidade. Ficaram juntos, enlaçados, olhando na mesma direção. Encarando a realidade bem nos olhos.

– Meu *user* está em algum lugar, bem ali – ela revelou. – Você pode acessar uma das minhas câmeras e vê-lo, se quiser.

– Isso é alguma prova de amor?

– Não. Confiança. Você queria uma resposta para a sua pergunta. A resposta é *AnderWS*, C647FN9JM1.

Marcos apertou-a nos braços com um quê de descrença e de encanto.

– *MarcosV21*, “*podimdechuchu*” – não ria da senha.

Ela riu.

Quando Marcos se deu conta, era tarde demais para voltar atrás. Havia entregado a ela mais do que seus documentos, seus arquivos, sua história, seu cartão de crédito, seu endereço, as chaves de sua casa, seus segredos... Havia entregado a ela a verdade de sua vida.

Sua vida é a minha vida.

Não era à toa que naquele instante seus olhares se cruzavam como se acabassem de trocar um par de alianças.

– Maya, eu não sou... Digo, o meu *user* não é...

– O meu também não é grande coisa, Marcos, eu garanto.

Silêncio. Escuridão. A cidade.

– Gravei a senha na sua memória, você não vai se esquecer.

– Vejo você daqui a pouco?

– Sim, lá embaixo.

– Até mais, Ander.

– Até mais, Marcos.

Marcos desconectou-se do seu avatar. O *username* e a senha de Maya fluuavam vívidos em sua tela mental. Como conseguiu? Só mesmo uma *hacker*... Não! *Um hacker*. Seu nome de usuário era Ander.

Aquilo não era problema. Não, não era. A realidade era somente um acidente de percurso. Um fato descartável. Algo sem o qual poderia viver.

O problema é que Ander era um *hacker* e roubara a senha dos administradores da MetaCities, um segredo trancado a sete encriptadores no servidor central da empresa, o que por si só fazia dele um ladrão de senhas invejável.

Um ladrão de senhas!

E para ele não fora difícil roubar a sua.

Ora essa, Marcos, você não sabia? Nem desconfiou? Menino ingênuo! Pudim de chuchu! Caíra num truque mais velho que a mais velha lorota da pré-história! Em poucos segundos Ander transferiria todos os seus créditos para uma conta secreta, deixando-o na miséria; seu acesso ao metamundo seria bloqueado, sua conta seria cancelada por falta de pagamento, seria despejado de seu apartamento e, por fim, reunir-se-ia aos milhares de bandidos, miseráveis e desgraçados que tornavam aquela cidade cinzenta, abafada e imunda o próprio inferno na Terra!

– Não, Não, NÃO! Ela me ama! – seu ego reagia. – Maya me ama! Ela não me faria mal.

Não, não faria.

Maya roubava senhas, sim. Para quê? Para fazer chover pétalas! Para fazer arte. Fazer amor. Ela usara suas habilidades para abrir uma porta invisível, para criar um universo paralelo e particular, à parte de todo o universo. Presenteara-o um metamundo próprio. Oculto. Intangível e inócuo para todo o resto dos usuários. E ali, no paraíso secreto, abria a ele o seu coração virtual para lhe mostrar um amor real.

Que bandido teria essa sensibilidade?

Se Ander usasse seus truques para roubar créditos ou sabotar sistemas, já teria sido caçado, apreendido, deletado e estaria pagando pelos danos por trás de grades bem sólidas. O policiamento virtual, ao contrário do real, era de uma eficiência irretocável, uma vez que não dependia diretamente da inteligência – ou da estupidez – humana.

O que não significa que Maya não tivesse se arriscado. Arriscara-se, e muito! Muitas senhas roubadas. Muitas portas escancaradas. Muitos rastros por encobrir. Por pura diversão, um deleite intelectual do qual Marcos era cúmplice. Maya furtara senhas de acesso de tantas outras virtualidades: jogos de simulação, parques temáticos, ilhas oníricas, lugares de sonho; locais para os quais as metacidades de fundação real eram apenas a porta de entrada, uma moradia etérea e acolhedora para as almas assustadas do mundo material.

Maya o conduzira pelos furos da segurança, através de atalhos esquecidos, falhas de sistema, erros de programação, tocas de rato nos servidores ocupados. Ela o levava aos bancos de dados mais longínquos e inimagináveis e, tapeando os *softwares* de fiscalização, mostrara-lhe tudo o que havia de mais espetacular já arquitetado pela mente humana. Madrugadas em metacidades vertiginosas, epopéias oníricas, mundos feitos da matéria da ficção, reconstruções de universos fantásticos, acesso às câmeras das melhores casas de concerto e aos domínios secretos dos arquitetos da virtualidade. Turismo livre pela rede sem pagar um mísero centavo.

E, como se não bastasse, ainda deixaram gravado um debochado “M&M” no registro do *software* de vigilância do servidor central da MetaCities. O que não deixava de ser uma afronta. Uma forma de anarquismo virtual.

Sinal de que Maya não era uma garota bem-comportada.

Heroína ou traíra?

Só havia uma forma de saber: logando-se na conta dela.

Enquanto o dilema reverberava pelas sinapses de Marcos, Ander já o devia estar espiando através do olho-mágico da realidade. Ele, supostamente, deveria fazer o mesmo. Fazer uma visita a Ander. Conhecer a face material de Maya.

Estava preparado para isso? Era melhor não pensar.

AnderWS. C647FN9JM1.

Login válido. Senha verdadeira. Sim, ela o amava! Não o enganara!

Marcos mergulhou num mar de calafrios ao incorporar-se no avatar de sua amada. Marcos era Maya. Maya era Marcos.

Minha vida é a sua vida.

Não houve tempo para pensar. A primeira visão que ele teve através dos olhos dela não foi exatamente agradável. Estranho. Seu olhar pairava pouco acima de uma coisa muito feia. A coisa feiosa era uma pessoa. Deitada e abandonada sobre um leito de metaconexão. Era quase uma aberração. Um humano asqueroso, obeso mórbido, embrulhado em látex viscoso, metido num sarcófago de gel supercondutor e comunicado por sensores ao CPU quântico.

As flores mais belas teimam em brotar nos vasos mais imundos.

Uma careta de nojo se desenhou na cara do usuário no leito de metaconexão.

– Marcos? – a voz de Maya soou dentro de sua cabeça.

Não foi uma ordem voluntária. Não foi por comando dele. Maya tinha vontade própria, ou quase isso. O fato é que Marcos não estava sozinho ali, havia um outro *user* conectado a ela. Havia Ander! Duas mentes habitando o mesmo avatar, confundindo os comandos e os pensamentos, e nenhum dos dois saberia explicar a sensação de partilhar uma sociedade tão íntima...

– Marcos?

Marcos, no alto, espiando através da webcâmera, começou a registrar aquilo que seu inconsciente já sabia e que sua consciência relutava em aceitar: que ele se conectara no momento e lugar errados.

– Ander...

A cara de asco do usuário refletindo o asco de Marcos. Um espelho. E em cada uma de suas faces, um Narciso infausto. Uma fatalidade. Uma tragédia. Mas aquele acidente humano era a realidade! A *sua* realidade. Era ele, Marcos, nu e exposto aos olhos de quem amava.

A realidade nunca é bela...

– Marcos, estou aqui.

Colapso.

O segundo usuário fez uma desconexão abrupta, deixando Maya temporariamente desorientada. Quando conseguiu restabelecer o controle, ela assistiu estupefata à cena.

O usuário debatia-se contra as paredes do leito de metaconexão, desfazendo-se desesperadamente dos sensores presos ao corpo, soltando-se das sondas de manutenção. Recém-nascido de volta ao mundo real, atirou-se atarantadamente para fora do leito, patinou e desabou algumas vezes na meleca do gel condutor antes de se esquivar para longe das webcâmeras. Transparecia um pavor agudo, uma vontade de escapar-se de si mesmo. De sumir-se. De aniquilar-se. E naquele momento ele teria lançado os seus muitos quilos de vergonha janelas abaixo se a geometria o favorecesse.

Aos tropeços, alcançou uma porta e desapareceu.

Ah pobre garoto, pobre garoto...

Maya cancelou a conexão e, por breve momento, deixou de ser Maya. Abriu os olhos físicos e mirou desoladamente o teto. O que fizera? E, principalmente, por que fizera? Por que o forçara? Verdades em excesso não costumam cair bem.

O que acontecera a Marcos era um problema entre ele e sua consciência, não dizia respeito a mais ninguém, muito menos a Ander. Fato. Mágoas da realidade. Dessa fatal, infeliz, estúpida realidade!

Maya não o procurou mais. Não o caçou. Não foi atrás. Mas todas as tardes, na décima oitava hora, em seu refúgio, ela o esperou. Dia após dia.

Ele não voltou.

A última operação de Marcos se deu uma semana depois do incidente: o cancelamento de sua assinatura na MetaCities, com a deleção definitiva do seu avatar e dos seus arquivos pessoais. Sem aviso. Sem adeus.

Maya buscou compreender, mas não deixou de esperá-lo a cada pôr-do-sol. Quando resolveu que a saudade não lhe era mais uma boa companhia, resgatou os dados de Marcos do arquivo morto do servidor. Seu histórico, seus padrões de comportamento, seu avatar apolíneo, seus modos tímidos e olhar de garoto ingênuo. De

posse dos dados, lançou-os nas linhas de comando de um programa para dotá-los de automatismo. Das cinzas, ergueu-se uma simulação quase perfeita daquele que um dia ela chamara de amor.

– Não diga nada – Maya calou-o com um beijo e deixou-se abandonar em seu abraço.

Marcos aflagou-a com todo o cuidado.

– Estou aqui.

Não, não estava! Nunca mais estaria. Era somente um autômato. Um espectro vazio. Um fantasma sem alma.

Para ela, apenas uma companhia. Um simulacro de estimação, sem outras necessidades ou obrigações senão amá-la e segui-la por onde o pensamento a conduzisse.



Um dia, Ander olhou para Maya e sentiu o sabor do dever cumprido. Não havia mais o que ser explorado na rede quântica, não havia mais razão para animá-la. Contudo, como criador apaixonado que era, não teve coragem de abandonar sua criação. Maya era uma projeção de sua mente que ganhara vida própria nas dobras imateriais do universo.

Por gratidão, Ander deu-lhe o beijo do automatismo. Desconectou-a de sua mente e deixou que Maya existisse por si mesma. Vendo-se livre, em algum lugar do invisível ela lhe sorriu em despedida.

Marcos e Maya podiam finalmente ter suas vidas em liberdade. Livres de *users*, senhas, leis, protocolos, formalidades; livres das atribulações da existência, dos percalços da vida e da morte. Apenas dois impulsos quânticos viajando à velocidade da luz pelas redes intangíveis do metauniverso. Dois espectros desbravando esferas de sonho. Pétalas lançadas ao invisível, onde existiram até o desligamento dos servidores, em 2467.